

# Fabrício Donizete da Costa, pitacos baratos de um poeta

**Fabrício Donizete da Costa** é médico-residente em Psiquiatria no Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp. Escreve desde que começou a ler. Primeiramente, cartas à uma tia distante e à professora primária. Poesias, diários e contos foram aparecendo ao longo da adolescência, assim como o hábito de ler Guimarães Rosa, Drummond, Adélia Prado, Paulo Leminski, Ana Cristina César, Virginia Woolf, Dino Buzzati e Rainer Maria Rilke.

Escreve para aumentar sua potência de vida, capacidade de inovação e renovação. Para ele, a imaginação, na forma poética, é uma amizade e poucas amarras. Publica seus contos e poemas no blog [pitacosbaratos.tumblr.com](http://pitacosbaratos.tumblr.com)

## O MÉDICO

Na casa de taipas,  
guarda o pai frente à filha em febre ardente.  
A mãe, em prantos, está de joelhos.  
Fala frases ininteligíveis,  
aos anjos destinadas.  
A criança apenas geme.  
Os irmãos brincam no outro canto,  
tentam amenizar a seriedade da cena.  
Aguardam todos o doutor,  
sua maleta,  
suas pílulas,  
suas palavras.  
Ouve-se entre o alívio e os suspiros,  
o trote do cavalo e do passo humano.  
Chegou o doutor.  
A porta se abre.  
O médico vê pela luz da vela,  
a escuridão da cena:  
Tão moça...  
Tão grave...  
Debruçados sobre o leito,  
pensa o médico,  
reza a mãe,  
observa o pai,  
brincam os irmãos.  
O médico pondera,  
mão no queixo,  
pés no chão.  
Tão esperado,  
mas tão limitado,  
tão humano,  
em contextos teocêntricos...  
O silêncio fez-se o vocábulo de escolha.  
A vigília, a atitude de honra.  
A noite, a mais longa em aparências.



## **NINHOS**

Não consigo entender  
porque os ninhos  
são tão altos...  
Quem sabe,  
uma hipótese,  
seja que os sonhos,  
nos altos,  
nasçam cedo,  
com suas plumas para voar.

## **PORTA AZUL**

Foi-me orientado  
por diversos especialistas  
que as cores poderiam  
ludibriar a demência de minha avó.  
Resolvemos usar a tinta  
para interagir em sua ausência.  
A casa ficou amarela,  
meio gema, meio às claras.  
A porta, azul,  
não dava ao céu alento  
nem saída ao esquecimento.  
O chão continuava cinza.  
O cheiro ainda era azedo.  
Só não vejo mudança  
na palidez das retinas octagenárias.  
Um tremor aflitivo nas mãos de minha avó.  
Deixa-me branco, a cor da memória senil.  
Quando pintamos a casa,  
faltava uma vontade verde nos pincéis.

## **PESADO**

Pesado é o peso  
do quilo de pena  
ou da medida de chumbo  
do passado?

Pesa o pó  
fermento do tempo  
sujeira do dedo  
num canto encravado.

Sai de mim  
essa dureza  
essa destreza.

Entra sem pedir  
essa leveza  
esse devir.

## **VIROSE**

Peguei uma raiva  
meio de repente  
como se fosse gripe.

Espirrei impropérios  
em salvas brutais  
assoei a ira mucosa.

Respiro, hoje  
sem ajuda de conselhos.

Sem pesos nos pulmões  
Sem expectorar expectativas.

Arejado  
com a solidão  
Raiva boba,  
temporã,  
sofro mais não.

Se você escreve, mande seus poemas,  
contos ou crônicas para [imprensa@fcm.unicamp.br](mailto:imprensa@fcm.unicamp.br)